

ROTEIRO DE ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO

Ensino Médio

Professor: Antônio Carlos

Disciplina: Geografia

Série: 3^a

Nome: _____ Série: 3^a _____ N^o: _____

Conceitos e conteúdos enfocados:

- Guerra Fria;
- Cultura;
- Nacionalismo;
- Choque de Civilizações.

Materiais a serem utilizados na condução do estudo:

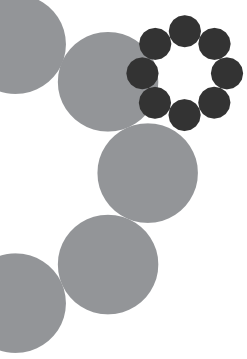
- Texto sobre o choque de civilizações.
- Anotações das aulas, no caderno.

Como deve ser utilizado o material indicado:

- **Leitura do texto em anexo** (primeira leitura para contato com o material; leituras posteriores seguindo indicações do roteiro em anexo).

Produtos a serem entregues ao professor:

- **Resumo do texto** em anexo;
- **Glossário** das palavras que não conhece;
- **Resolução das questões** abaixo.



A entrega deverá ocorrer no dia da prova de recuperação, sendo que as questões devem ser trazidas para as aulas de recuperação, quando as dúvidas serão discutidas.

Avaliação:

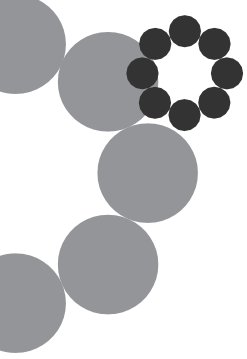
O conceito final de recuperação será formado pela avaliação dos materiais solicitados para entrega (peso 1) e da prova (peso 2).

ROTEIRO PARA LEITURA DO TEXTO

- (a) **Leia o texto todo até o final**, sem se preocupar em entender cada parágrafo e sem interromper sua leitura, para que você possa ter um entendimento geral do texto.

- (b) **Releia o texto grifando as partes que você achou mais interessantes e, com uma cor diferente, procure marcar as dúvidas ou partes que você não entendeu.**

- (c) **Faça um pequeno glossário** com as palavras que você não conhece para discussão em aula.



QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS

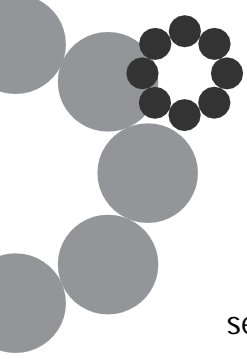
1. O que é “O Choque de Civilizações”?
2. Quais são as civilizações classificadas por Huntington e quais suas características principais?
3. Quais são os conflitos que temos que se adequam a essa teoria? Justifique.
4. Como o Brasil é classificado e por quê?
5. Aponte quais seriam as falhas da teoria de Huntington.

AULA SOBRE O CHOQUE DAS CIVILIZAÇÕES DE SAMUEL L. HUNTINGTON

Prof. Fernando G. Sampaio

O conceito de civilização só vai se firmar bem no final do século XVIII e só impera, de fato, na construção da realidade histórica, no século XIX. É, pois, uma ideia recente. Antes, ser “civilizado” significava, apenas, viver sob a lei civil ou pelo Código Romano (*lex civitas*). Mas, gradualmente, foi se instalando uma polêmica, por volta de 1770, entre a diferenciação daqueles que tinham uma vida refinada e os bárbaros, que eram “impolidos”.

Na França a palavra foi utilizada no sentido de um bom governo, capaz de assegurar às instituições, mais precisamente, a ordem, a paz, a família, a propriedade, a justiça, tudo sob o domínio da lei. Assim, “civilisé” era sinônimo de proporcionar um bom governo, ou ainda, de estar bem policiado (*policé*). Na Inglaterra surgia, quase ao mesmo tempo, a expressão “refinado” e todo o conceito de “refinement”, que era a valorização dos costumes sociais, em que

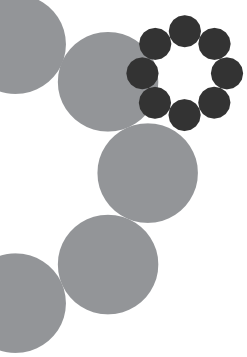


se destacava a polidez (polished), que enfatizava que devemos tratar os outros com respeito, ou civilidade, e conceder a merecida atenção a seus interesses assim como a nós mesmos. Os filósofos ingleses (Shaftesbury, Burke e outros), afirmavam que “políamo-nos uns aos outros e aparávamos nossas arestas e asperezas por meio de uma espécie de conflito amigável”. O refinamento traz consigo a tolerância pelas diferentes opiniões políticas e religiosas; terminam as Inquisições e as guerras religiosas. Os homens buscam a compreensão racional, ao invés de mítica, para as ações da natureza, através da ciência. E, finalmente, o refinamento também encoraja uma avaliação mais compreensiva dos outros seres humanos, inclusive e, sobretudo das mulheres, mas também leva ao movimento antiescravagista.

Os franceses, finalmente, terminaram por simplesmente traduzir a ideia do “refinement” pela sua palavra “civilisation”.

Mas nos conta Arthur Herman em “A ideia da decadência na história ocidental”, “houve certa resistência à palavra”. James Borswell, que visitou Samuel Johnson em 1772 quando este revisava seu famoso dicionário e a palavra estava aparecendo, lembra: ele não admitia “civilisation”, mas apenas “civilidade”. “Com enorme consideração a ele, julgo que civilisation, de civilizar, é melhor em oposição à selvageria do que civilidade”. (Editora Record, Rio de Janeiro, 1999, p. 30).

Hoje em dia, finalmente, o conceito é já bem incorporado e o “Manual de Sociologia” de Rumney e Maier, assim coloca a questão: “civilização é o último estágio de cultura, isto é, não só a totalidade da cultura, mas, igualmente, o grau de adiantamento da vida de um povo e o controle exercido por este sobre o meio ambiente”. (p. 100, Zahar, Rio, 1963). Como veremos mais tarde, esta definição, com sua conceituação abrangendo “graus de adiantamento” e “controle sobre o meio ambiente”, enfoca questões básicas na problemática do “choque das civilizações.”



Se já sabemos agora o que queremos dizer por civilização e como este conceito está intimamente relacionado com a ideia de respeito às leis, bom governo e refinamento, no sentido não só intelectual (fruição das artes, estética, filosofia), mas também no trato civil, isto é, no tratamento das pessoas entre si e, neste contexto, no tratamento que dispensam dentro do jogo político e das relações de poder, podemos nos voltar para a questão da ideologia.

De fato, intuo que o livro de Huntington nos conduz a um novo tipo de “guerra ideológica”, em que o embate do “mundo ocidental” contra o “comunismo” está sendo substituído por algum outro tipo de confrontação.

Para amparar, armar e se preparar para este conflito, os Estados Unidos, por meio deste ideólogo, levanta a questão das civilizações, de sua multiplicidade e de suas diferenças.

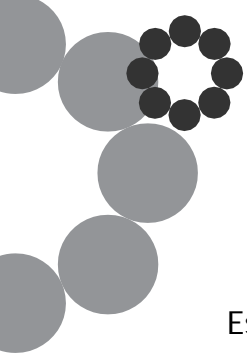
Isto conduz a um novo tipo de “guerra ideológica”, em que os valores em choque são os valores que prevalecem em cada tipo de civilização.

A ideologia é um pensamento teórico fechado sobre seus próprios princípios abstratos e tendendo ao dogmatismo, sendo o dogma o ponto central e imutável de uma doutrina e sendo a doutrina um ensinamento, tido como certo, melhor ou mais perfeito, ou tendente ao aperfeiçoamento ideal.

Huntington, entretanto, não cai nesta definição de ideologia. A ideologia de Huntington é extremamente refinada e muito amparada em dados e, portanto, flexível.

O ponto brilhante de sua ideologia, e que nos toca diretamente, é sua classificação das civilizações onde faz uma distinção entre o que é o Ocidente e o que não é o Ocidente.

E o ponto chave, que identificamos como ideológico e que nos afeta, é que Huntington coloca a América Latina e nela o Brasil, como uma sub-civilização, um ramo desgarrado do Ocidente e que, talvez, é o que se conclui, nem seja, de fato, uma civilização ocidental, mas sim outra coisa qualquer.



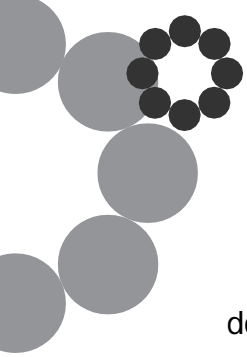
Este é o ponto central ideológico do livro de Huntington para nós.

Certamente, não é o ponto central para os muçulmanos ou para os chineses, para os russos ou para os hindus. Mas, como dissemos, o livro é muito vasto e dele vamos extrair alguns tópicos para análise, naquilo que identificamos como mais importante para nós.

Identifico no livro de Huntington uma nova forma de guerra ideológica contra o Brasil e contra seus vizinhos latino-americanos, na medida em que nos colocando fora da civilização ocidental, que é a de Huntington e dos americanos e europeus, ele estabelece uma clivagem, uma diferenciação de caráter geopolítico, querendo significar que somos “diferentes” e, nesta diferenciação, sutilmente, ele nos alinha naquilo que o teórico francês Jean-Christophe Rufin chamou de “os novos bárbaros” ou “bárbaros do sul”.

Huntington pode não ser claro, mas isto não vem ao caso. As ilações apontam nesta direção, ainda mais por ele colocar em seu subtítulo a expressão “a recomposição da Ordem Mundial”.

Ora, recompor a ordem mundial e nos privar do “status” de ser parte da Civilização Ocidental é nos rebaixar ou, pela política cultural do distanciamento, declarar-nos “outros”, “estranhos”, “diferentes” e, portanto, objeto de um tratamento também diferenciado, em termos de geopolítica e de leis do poder. O que Huntington não diz explicitamente, Rufin coloca claramente: “inventar o Sul... o Leste, sabíamos muito bem do que se tratava...o Sul atomizado, instável, imprevisível não pode ocupar o mesmo espaço do sólido monolito que era o Leste. Esse inimigo novo e já tão preciso não possui uma armadura ideológica de conjunto que fazia a força e a comodidade do comunismo. Dessa vez, o adversário não nos é dado; será preciso criá-lo, unificá-lo, atribuir-lhe uma coerência que ele naturalmente não tem. O conflito Norte-Sul talvez suceda o conflito Leste-Oeste. Mas não se parecem um com o outro... essa invenção do Sul está em curso. Para isso contribuem muitas pessoas, tanto no Norte como no Sul, ao estimularem a divergência e a hostilidade entre esses



dois mundos. A isto muitas outras se opõem e percebem os perigos dessa nova ideologia". (p. 17/18, Editora Record, Rio de Janeiro, 1992, existe edição da Biblioteca do Exército disponível). Huntington, embora brilhante e detalhadíssimo em suas fundamentações, deixa claro que existem "eles" (o Ocidente) e os "outros" (no qual nos inclui).

Isto nos permite questionar: se somos outra civilização ou até uma sub-civilização, como ele coloca claramente, o que nos reserva a ALCA?

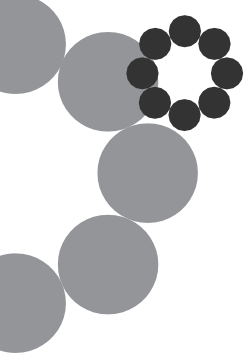
Uma Zona de Livre Comércio entre uma civilização dominante e uma sub-civilização terá validade? A maneira como os americanos nos veem, nos percebem, até que ponto isto irá afetar as negociações diplomáticas, comerciais e de defesa?

Este é o centro da questão ideológica, bem ampla, que Huntington traz para discussão, o que nos conduz diretamente ao seguinte ponto: o que é a guerra?

Ou, quem sabe, o que é a guerra hoje e o que será no futuro imediato?

Sustento que a guerra não é algo só físico, o ataque militar, a intervenção por forças expedicionárias. A guerra, que Huntington declara aberta, com sua ideologia, é a Guerra Política; termo vasto, é verdade, mas relativamente bem conhecido e definido.

Harold Laswell, por exemplo, diz que "a hostilidade política corresponde ao uso de meios que ultrapassam a comunicação de massa. Esta hostilidade acrescenta ainda que todos os instrumentos da política precisam estar adequadamente correlacionados... a diplomacia, por exemplo, pode ser usada para conservar neutros os inimigos em potencial ou para afastar dos inimigos os seus aliados... a hostilidade política também inclui o uso de meios econômicos... a guerra política consiste no enquadramento da política nacional, de tal modo que ajude a propaganda ou as operações militares" (citado conforme "Desinformação" de Shultz e Godson, Nórdica, Rio, 1987, p.20 e 48).



Este é o cenário que Huntington nos coloca e que vamos passar a analisar em alguns aspectos.

AS CIVILIZAÇÕES, HOJE.

Depois de analisar vários autores, em especial Arnold J. Toynbee, mas também Fernand Braudel e outros, Huntington faz uma anatomia do mundo como ele o entende dividido em civilizações, reconhecendo oito, que ele define da seguinte forma:

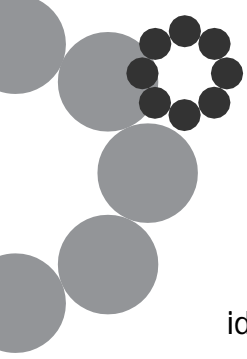
1ª) A SÍNICA - primeiramente Huntington a definiu como “confuciana”, mas terminou por se fixar em “sínica”, entendendo que tem seu Estado-Núcleo na China, mas é mais do que a China ou o Confucionismo, pois abrange pelo menos as comunidades chinesas no sudeste asiático, a Coreia e, marginalmente, o Vietnã e também inclui outras religiões, além do confucionismo.

2ª) A JAPONESA - Huntington, como outros analistas, entende que o Japão emergiu da civilização chinesa por volta do ano 400 antes da nossa Era, tornando-se uma realidade distinta em cerca de 100 antes da nossa Era. É uma civilização derivada, mas autônoma.

3ª) A HINDU - Tal como a Sínica, diz Huntington, o termo “Hindu” também separa o nome da civilização do nome de seu Estado-Núcleo, o que é desejável quando a cultura se estende para além do Estado-núcleo, no caso, abrangendo, por exemplo, o Camboja.

4ª) A ISLÂMICA - Com origem na Península Arábica no século VII da nossa Era, o Islã se espalhou pelo norte da África, pela Ásia Central e pelo sudeste asiático, seja Malaia ou Indonésia, abrangendo várias culturas distintas, como a árabe, turca, persa ou malaia.

5ª) A ORTODOXA - Embora o comunismo tenha deixado de existir, a diferença entre o Ocidente e a Rússia é mantida, precisamente ao nível

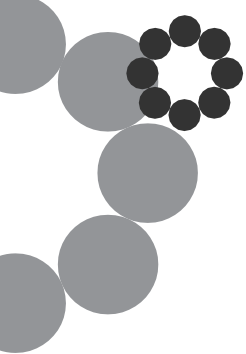


ideológico-religioso, pelo reconhecimento de que a existência do Cristianismo Ortodoxo, tendo como Estado-Núcleo a Rússia, representa algo muito diverso do Cristianismo Católico ou Protestante (e, portanto, Ocidental). A maioria dos estudiosos reconhece isso e os russos são os primeiros a defenderem que são, em parte, o limite do Ocidente, mas também, algo diverso. Huntington, como outros, faz a diferenciação traçando a origem da ortodoxia no Império Bizantino, que foi o Romano do Oriente, mas depois deixou de ser Romano, para passar a uma especificidade toda própria. Diz ainda que a falta de Renascimento, Iluminismo e a exposição durante séculos ao domínio Tártaro forjaram, na Rússia, uma realidade muito distinta da Ocidental.

6ª) A OCIDENTAL - Emergindo depois do final do Império Romano, mas separado deste pela "Dark Age" (a Idade das Trevas), depois pela Era Medieval (Alta Idade Média), o Ocidente toma forma por volta dos anos 700 ou 800 da nossa Era e representa a Civilização Europeia. É a única que é indicada por uma direção geográfica, ainda que vaga (o Ocidente) e não por um nome de um povo, por uma religião ou, ainda, por uma área geográfica em particular. Atualmente, diz Huntington, a Civilização Ocidental é a Europa, Canadá e Estados Unidos, com epígonos na Austrália e Nova Zelândia (diz ainda: civilização euro-americana ou do Atlântico Norte).

7ª) A LATINOAMERICANA - A AMÉRICA LATINA PODERIA SER CONSIDERADA OU UMA SUB-CIVILIZAÇÃO DENTRO DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL OU UMA CIVILIZAÇÃO SEPARADA, INTIMAMENTE AFILIADA AO OCIDENTE E DIVIDIDA QUANTO A SE SEU LUGAR É OU NÃO NO OCIDENTE.

8ª) A AFRICANA (possivelmente) - Ao contrário da maioria dos autores, com exceção de Fernand Braudel, Huntington reconhece a África como uma possível civilização emergente, pelo menos na região subsaariana (já que o norte da África pertence à Civilização Muçulmana) e diz que o seu estado-núcleo será a República da África do Sul.



Há muitos pontos que Huntington não aborda ou só levanta de passagem, como a questão dos judeus (seriam uma civilização?), por exemplo.

Confira no mapa abaixo a divisão dessas civilizações feita por Huntington.

